

A Grace e as suas  
Charismas.

## Importancia do estado de graça.

Quando agirmos em estado de graça e com a intenção de agradar a Deus, merecemos de condigno um augmento da graça sufficiente e fazemos jus a uma recompensa de accôrdo com as promessas de J. Christo, pois tanto significa merecer de condigno; porque são estas as obras de vida, isto é, feitas em estado de graça.

Pelo contrario, são obras mortas as que se praticam em estado de peccado, as quaes semquanto boas, são incapazes de nos fazer merecer para a vida eterna. Elles podem não obstante isto, contribuir, por conveniencia, para a nossa conversão ou a volta ao estado de graça. É neste caso, as merecimentos que haviamos adquirido pela pratica das boas obras em estado de graça, podem servir, completando muitas vezes a nossa conversão.

Acima é que o peccado não só nos impede de merecermos para a vida eterna, mas ainda ~~nos~~ <sup>do presente</sup> faz perder tudo quanto antes ~~de~~ <sup>de</sup> haviamos committido, haviamos merecido; porque, neste caso, todas as nossas obras, são obras mortas, e infructiferas.

Pelo contrario, todas as boas obras praticadas em estado de graça, são sempre mais ou menos meritorias, segundo a intenção ou o motivo pelo qual as praticamos. Pois é precisamente o motivo que constitue a causa efficiente do merecimento.

Dagui podemos deduzir quanto importante é conservar-nos habitualmente em graça, e se ~~o~~ <sup>o</sup> ~~exforçarmos~~ <sup>exforçarmos</sup> ~~de novo~~ <sup>de novo</sup> ~~fazemos~~ <sup>fazemos</sup> para recuperal-a, fazendo um acto de contrição perfeita com o firme propósito de nos confessarmos logo na primeira opporhtunidade,

Capítulo Sobre a graça em geral.

A graça, seja ella qual for, é uma  
-dadia de um dom gratuito de Deus, e  
toda dom de Deus é por sua natureza  
puramente e capaz de attingir o fim  
pelo qual ella nos foi concedido.  
Portanto, se algum destes dons não  
produzir em nossas almas os seus  
benefícios effectos, é por ~~por~~ falta  
de cooperação de nossa parte ou  
nossa vontade. E neste caso, seria  
falso um outro auxilio do alto,  
<sup>que</sup> ~~em virtude da qual~~ <sup>deixando</sup> ~~permanecendo~~  
livre a nossa vontade, não poderíamos  
deixar de cooperar à graça; isto é,  
seria preciso que Deus nos conce-  
desse uma graça efficaz.  
Ora, esta graça, em geral, Deus não  
costuma conceder, a não ser  
que reconheçamos a nossa neces-  
sidade e a peçamos ao alguem  
se incumba de prestá-la por nós.  
Além d'isto as graças são de tal na-  
tureza que se amoldam perfeitamente  
aos fins pelas quaes ellas são conferidas  
e a natureza de cada um individuo.  
Porque, emquanto a graça seja  
uma em sua essencia, ~~taravia~~  
quanto aos fins pelas quaes são  
concedidas, differem umas das ou-  
tras. Resultando dahi que as gra-  
ças actuam a simultanea das  
causas physicas, uma vez que não  
se podem obstar a não accas.  
A existência ou a falta de coope-  
ração a graça, constitue a razão  
do merito e do demerito, no qual  
está ligada a nossa afastamento  
de Deus e aproximacao d'elle.

Capítulo Sobre a graça e suas varias especies.

A graça, como vimos, é um dom de Deus gratuito, que nos é concedido pelos merecimentos de J. Christo com relação a vida presente e a futura.

Divide-se em graças naturais e sobrenaturais, segundo que se referem aos bens naturais e sobrenaturais.

Assim, são graças naturais: A vida, a saúde, as bens do corpo e os phisicos, moraes e intellectuales, como bem e o bom espirito e pendor à virtude e à piedade.

São graças sobrenaturais, as que nos são concedidas em proveito de nossas almas, para nossa justificação, aperfeiçoamento espiritual e a nossa santificação e salvação.

É todo estes auxilios e recursos que pelas nossas graças, Deus nos concede, tem por fim a sua gloria e condecorar-nos a ella.

Dividem-se as graças sobrenaturais em externas e internas.

As externas abrangem todos os recursos externos que nos incitam e conduzem a pratica do bem e nos afastam das occasiões de peccar; tais como a fé, o ministério da Igreja, baseado na doutrina e moral de J. Christo, as exhortações e os bons exemplos das pessoas piedosas e dos santos que ella nos fornece para exemplo e imitação.

As graças sobrenaturais internas são as que tocam o interior de nossas almas, Elles nos inspiram pen-  
sões.

mentos e sentimentos bons e piedo-  
sos e desejos de praticar o bem e fugir  
o mal.

Entre estas graças sobrenaturaes algumas  
são que nos são concedidas para a  
nossa santificação e utilidade propria.  
Ha outras, porém, que são concedidas  
em vantagem da gloria de Deus e  
santificação das almas, tais como  
os milagres, as prophecias, os dom-  
dos linguas e das curas milagrosas.  
Estes dons, não constituem propria-  
mente a santidade, muito embora  
a revele; porque a santidade  
consiste na caridade perfeita para  
com Deus, que se manifesta pela  
unificação da nossa vontade com  
o divino beneplacito.

As outras graças de-se a nome de  
gracias gratuitas, para distingui-las  
das que nos são concedidas para  
o nosso aproveitamento spiri-  
tual.

As graças, consideradas quanto ao  
seu modo de operar, dividem-se  
em graça sufficiente e em graça  
efficaz.

A primeira é a que, comquanto suffi-  
ciente e adequada ao fim pelo qual  
Deus nos a concede, não sempre  
produz o seu effecto, pelo facto de  
prehensões resistir a ella.

Não succede assim com a segunda,  
porque neste caso, dispõe Deus as causas  
de tal forma que combinando per-  
feitamente com as exigencias da  
nossa liberdade, a vontade, sem  
a minima coacção moral ou  
physica, se inclina ao bem

livremente e espontaneamente;  
E se algum me perguntar porque é  
que Deus não concede esta graça  
a todos? Responderei, dizendo,  
que se respeito a esta pergunta,  
Jf. Christo nat. a deus, quando os  
pontes aquelles trabalhadores e  
evangelicos, que se lamentavam  
porque não haviam recebido  
mais do que aquelles que haviam  
sido chamados a ultima hora.  
Em tal caso pedimos deus que entre  
as muitas razões que Deus N. Senhor  
tem e que a si reserva, elle entre-  
na conceder, as vezes, esta graça,  
devida a premissão do manto que estas  
pessoas, favorecidas por elle, fariam  
depois de convertidas; e que nega  
a outras pessoas, para que elles con-  
tinuassem a graça sufficiente, ainda  
mais abundante e lhe dê honra e  
gloria, faghem assim fôr a me-  
rescimento graças, ainda maiores  
e mais numerosas. Como vemos  
seguido na vida dos Santos.

E esta é que estas pessoas, se deixam  
as vezes de copiar a graça; ellas nunca  
transigiram com suas culpas e  
miserias, confessam-n as arrependidas,  
e nunca criminosas nem a Deus  
nem ao seu proximo.

Não almas justas, que guardam  
se creiam-se a deixar tudo por  
amor de Deus, elle não esmolar  
as estas creaturas com variedade  
de mil benefícios e graças natu-  
raturais.

Sobre o dominio e a capacidade III 10.  
da alma.

O dominio do homem racional  
sobre o homem animal, para que  
seja effez, ha de ser consciente, vo-  
luntario, prompto, incondicional e  
generoso.  
Sem estas prescricoes não nos unido do  
expulmuntamos as ineffaveis consequen-  
ças do dominio do homem superior sobre o  
inferior, porquanto estas prescricoes  
são indispensaveis afim de que se veri-  
fique o augmento da capacidade espiri-  
tual de nossa alma com relação ás gra-  
ças que nos são concedidas, <sup>mas</sup> ~~porquanto~~  
esta capacidade, separa da culpa ori-  
ginal e actual mais depois das actualisa-  
ções individuais, tornou-se muito reduzida  
e se gradualmente amplificada pelo com-  
pleto quedomínio do homem sobre  
si mesmo. Porquanto mais o homem  
se despi de si proprio, para se unir  
mais intimamente com Deus, tanto  
mais ha de augmentar a sua capa-  
cidade animal; e quanto mais  
ella augmentar, tanto mais elle  
sua capacidade de receber graças ainda  
maiores e mais numerosas.

Presumir e que, andando na região di-  
recta a grandeza e o numero  
das graças com relação ao augmento  
da capacidade da alma fôr se re-  
cebendo; comprehendendo de quanto  
importancia seja o dominio  
do homem sobre si mesmo, e por  
outro lado, quão terribes sãõ deves-  
ser as consequências da falta deste  
dominio; subitudo para aquellas  
almas, ás quaes Deus se mani-  
festa, de varias formas, muita  
impulso em convizil-as ao opice  
da perfeição.

Dagui, se nos ha tambem possível  
fazeremos atentar porque tantas  
almas perdidas, fazem pouco ou  
ninhum progresso na perfeição e  
runtam grandes difficuldades na  
praticação das virtudes, e porque  
cabe a nós sacos rezes em culpas  
graves, não obstante os nos firmes  
propositos de não offendere a Deus.  
São condemnando quasi que a mesma  
capacidade animal que possuíam

antes da sua conversão, difficilmente III  
poderão attingir aquella grande per-  
fecção, que desejariam.

E se não obstante isto, não recusam  
nem raras vezes em culpas graves,  
e' porque reconhecendo Deus a sua  
fragueza e incapacidade para  
resistirem as grandes provocações,  
collocas-as em condições taes que  
não venham a precipitar no mal,  
segundamente benévola e misericor-  
diosa favoravel em que se torne  
mais difficil cair em peccados  
do que se conservar em graça  
pelo augmento da capacidade  
animica e graças que elles não  
conseguem.

E a prova mais evidente que pede-  
mos ter, e' que estes creaturas  
se caem em culpas graves, quan-  
do conuente e voluntaria-  
mente se expõem temerariamente  
em occasião de peccar.

Deus as trata como que suspensas  
pelas cadeias sobre o mar tem-  
pestuoso desta vida, para que  
como Pedro, apesar do mu-  
ltiplo, não venham a submer-  
gir-se; porque, conquanto irrevel-  
taes, elles não são mais, têm fé e não  
transigem com suas culpas e iniquias.

---

mais numerosas. Como encontramos  
seguros na luta da vida das Santas.  
A este é que estas primeiras, se as vezes dis-  
seram de coquear a graça, nunca  
transigiram com suas faltas e murmes,  
confessavam - nos arrependidos e nunca  
recriminavam nem a Deus nem ao  
seu próximo. Eram almas puras,  
das quaes Deus se comprazia até certo  
ponto unida as combater contra as  
suas fraquezas e mais instructos no  
virtuoso da coquear a graça.  
Sobre as ephorismas da graça.

As graças conquistadas sejam eguaes  
em relação a sua natureza e proximidade;  
também differem muito quando as epho-  
rismas annuos - e as fins pelo quaes ellas  
nos são concedidas, assim como differen-  
as sacramentos uns dos outros com relação  
aos fins pelos quaes J. Christo morreu por nós  
instituiu-as.

Entre ephorismas que representam qualidades  
nossas ou bons habitos, os se manifestam,  
quando, pela expiração as graças, nos collo-  
camos em condições favoráveis para que  
possamos recebê-las. manifestar-se

Por, ~~as~~ estas condições somente se verifi-  
cam, quando depurados nossos almas de  
estigmas dos pecados actuaes, pela pratica da  
charidade perfeita, augmentar a <sup>nos</sup> expira-  
ção animica.

De modo que, quanto maior for a expi-  
ração de nossas almas, tanto menores e  
mais numerosas são as ephorismas as  
effeitos destes ephorismas annuos as  
gracias que nos são concedidas.

E aqui falar-se ha de se que quam mais  
aniam muitas pessoas piedosas, as  
quaes suporem que a perfeição Chris-  
tae consiste em fazer muitas orações

orçãos e penitências, em frequental e  
muito os sacramentos de penitência e  
da eucaristia; confundindo, por consequente,  
os meios com o fim.

Não ha duvida, todas estas praticas piedosas,  
são muito louváveis e proveitosas e não  
se devem abandonar; antes, pelo contrario,  
hão de ser praticadas com zelo e fervor sem-  
pre crescente; porém, com o fim de am-  
pliarmos cada vez mais a capacidade  
de nossas almas, afim de que as graças,  
com as quaes somos favorecidos, pos-  
sam escapar-nos sempre mais com  
relação aos effectos dos charismas que-lhes  
são annexos.

~~De~~<sup>E</sup>, o mais mais regular e efficaz, consis-  
te em praticar, com a maior pureza  
possivel, as virtudes da humildade e da  
castidade; as quaes são como os dois  
pedros de purificação christã.

~~Para~~<sup>Para</sup>, para <sup>alcançarmos</sup> a esta purificação,  
e' necessario, não somente praticarmos  
a purificação christã em substancia; mais  
ainda convencer-nos que devemos aprovei-  
tar todas as occasiões favoráveis para  
mortificar o nosso amor proprio; porque  
o amor proprio é a raiz de todos os vícios,  
~~os~~ assim como a rebuha é a raiz  
de todos os vícios e perturbacoes que se  
dão em nossas almas, e dificultam  
immensamente <sup>podem</sup> triumphar de nossos  
passões e mais instintos.

Sobre a mutua relativa independencia entre  
a alma e o corpo.

Conquanto, no homem, a vida organica  
e inorganica, lhe seja communicada,  
e mantida, qual força viva, pela alma,  
seu mais principio da vida e actividade do  
ser humano; todavia, tanto o homem  
animal como o racional, exercem

no indivíduo, as mas funções in-  
dependientemente um da outro, quer  
as operações que têm por objeto a alma  
ou o corpo humano animado pela ma-  
neira.

Em pratica, nós attribuímos nem só  
à alma nem só ao corpo as operações que  
lhes são correspondentes; e porque ellas  
se realisam na unidade da ser, da qual  
resulta uma substancia substancia, que  
é conhecida com o nome de homem.  
Seguindo-nos d'aqui, que nem todos  
que se encontram no homem, podem ser  
attribuídos ao homem como tal; porque  
muito embora alguns actos sejam  
elaborados pelo homem superior ou  
inferior, ha vezes, em que estes actos  
não se podem attribuir à personalidade  
humana; porque, como já se viu  
actos do homem; como tudo, não são  
actos humanos, pela falta de reflexão  
e impassibilidade phisica ou moral  
para impedi-las. Como se contem  
com as alienações ou impulsões, ou  
momentos de delirio ou  
delirio passagiero.

Não se daria tais aberrações, se nossas  
funções não tivessem freio,  
e fossem confinadas no estado de  
quies e netidão em que haviam  
sido creadas. Porque, sendo Deus creado  
o homem, com grã differença, re-  
mulhante aos anjos, o homem superior  
domina sobre o inferior; porquanto,  
a sua vontade havia de identificar-se  
sempre com a verdade divina. E  
este admiravel equilibrio entre as  
tendências do homem animal e sa-  
cral, creou um, precisamente o  
que constitua a pessoa em estado

de graça, innocência e ceticismo um que  
 das as curas.

E todos os esforços, que, depois da culpa de  
 origem o homem faz para neutralizar  
 o fim pelo qual elle foi creado, tem  
 por crebro proporcional a si proprio,  
 os meios mais efficazes, afim de que  
 o homem superior sempre imponha sobre  
 o inferior em todos os actos dependentes  
 de sua vontade.

Pelo que, quanto mais se presentes  
 economias, augmentarem os esforços,  
 tanto mais o homem approximar-se-á  
 da perfeição de J. Christo, que em tempo  
 de compração, superou as virtudes e  
 perfeição de nossos primários pais.

E estes esforços, que antes causa não  
 são, mudão as virtudes; J. Christo exige  
 de cada um de nós, afim de que, pela  
 pratica do bem e uso dos sacramen-  
 tos, nos suprim applicados os mais  
 cumulas de uma vida, presente e  
 morte, e os que, não preferiamos  
 viver para a vida eterna em um  
 que tanto as subueções do mundo, do  
 carne e do satanaz.

As duas tendências.

Ha em cada um de nos duas  
 tendências, um que nos inclina ao  
 bem e outro, que nos arrasta ao mal.  
 E se J. Christo, nosso adoravel Redemptor,  
 não tivesse baixado das escuras tenebras,  
 a humanidade seria fatalmente ab-  
 sorvida pelo vortice que o presente  
 original prooveura, e que, desde  
 esse dia até ao fim da vida de Jesus  
 Christo, grande querer trazal-a e avia-  
 al-a para os antros infernaes.  
 Dahi, os gemidos do Apostolo das gentes,

quando, no intuito de subjugar o seu corpo  
 ao mais severo das captividades, e castigava  
 para que, pregando a J. Christo, não viesse  
 a perder-se, como allegava por  
 humilhação.

E tão grandes e continuas eram as inusua-  
 ções que lhe fazia o triplice inimigo do  
 homem, que chegou a dizer que desejava  
 morrer para se livrar do encuro da mor-  
 tua e unir-se intimamente com Christo.  
 Que um outro homem assim se eseter-  
 nasse, não me comprehendia, mas que  
 Paulo assim o tenha feito; eis aqui um  
 facto que não só me admira, mas che-  
 ga a encher-me de pavor.

Pois, Paulo, que fora arrebatado aos céus,  
 Paulo, a quem J. Christo convocara na  
 estrada de Damasco; Paulo, o Apóstolo  
 dos gentios ao qual J. Christo se servia  
 para propagar e dilatar sobre a terra  
 o seu reino; Paulo, numa palavra,  
 que fora confirmado em graça;  
 extenuar-se, não obstante isto, desta  
 forma; eis aqui o que eu não posso  
 comprehender sem acubitaria e  
 as sagradas fragoras não me deixam.  
 E o Paulo, apesar de tão favorecido,  
 tão santo, tão mortificado e cheio  
 de abnegação, approuve a Deus que  
 elle as terribes consequências da culpa  
 original; não nos devemos imputun-  
 dar que para glorificação e san-  
 tificação de nossas almas, Deus  
 permitta que expusmos muitas as  
 consequências desta rebeldia R 13  
 e assim contra o espirito.

Cap. Deuelpas que não têm desculpa.

Alguns que se fazem com tempo-  
mento ou natureza excepcional, e que, por  
este motivo, se torna muito difficil, para  
não dizer impossivel, o que para outros, seria  
muito facil e viavel; são expressões das quaes  
se resumem as fôrmas immortificadas e quasi  
que invictadas nos vícios, ou que nunca  
tiveram uma nitida comprehensão da  
doutrina e da moral christã.

Tudo, n'estas individuas, leva a cahir  
do apice desordenado dos bens e prazeres  
deste mundo, ainda mesmo quando  
parecem como se fossem verdadeiras  
cuntes; pois, blasphemam contra a divini-  
dade e chegam a inculpar a de nus-  
tros e antiavias; allegando que, se assim  
se portam, é porque recebem de  
Deus uma natureza a qual longe de  
os auxiliar na pratica do bem, arrasta-os  
ao mal com um furdor quasi que in-  
sistivel.

E che' itando a razão porque estes falsos  
cuntes, enganando-nos a si proprios,  
julgam que se extirpando desta forma,  
podão justificar-se deante de Deus e  
dos homens.

E é <sup>esta</sup> por esta mesma razão que sempre  
os vemos, apparentar uma paz irrefu-  
tabavel, agirem e se occuparem 14  
da Religião, e acompanharem as fôrmas  
piedosas, como se realmente fossem

Cap. A volta ao estado primitivo.

Não obstante a concupiscência e tantos outros males provenientes da culpa de origem, ainda assim, o homem pode voltar ao seu primitivo estado de graça e inocência, pela compunção do coração e a penitência.

E neste caso, os estímulos da concupiscência e com todas as máximas, presentes da culpa original, não persuadem impossibilita a que se eleva a um alto grau de purificação e que se colloque em condições, de verificar, com grande admiração de sua fronte, e profunda humildade, que vive mais da vida do espirito do que da matéria, em virtude dessa atmosphera celestial que entra a envolver.

Atmosfera ineffável, que por isso mesmo que é uma communição de participação na que envolve os celestiaes comprehensores, não tem tempo de comparação com aquelle bem que gozavam os seus pais no paraíso terreal.

E é por tal razão que a Igreja no Sabbatho da alleluia, contemplando as maravilhas, effeitos da Redenção e da graça, em um estado de amor, exclama a 'feliz eulogia', referendo-se a culpa original, dando-lhe um requisa a razão, quando prosegue dizendo, porque nos deu um Salvador.

E realmente a Igreja tem razão de assim se ostentar, porque se foi imenso o mal que a culpa de origem nos causou, infinitamente maiores foram as boas e fmeas da redenção. —

Não acontece assim, e estas modificações se manifestam espontaneamente. Pelo que deduzimos que quando o dinamismo psíquico se realisa independentemente da cooperação do corpo, então só nos resta a obrigação de resistir as inclinações elicitas, que sempre podem arrastar as modificações ou as reações contrárias aos nossos sentimentos ou modo de pensar.

E é precisamente isto que está o sujeito da purificação cristã; assim como um procedimento contrário, argumentaria o vício e os hábitos.

### Cap. Sobre o corpo e a alma.

Sentimos com a alma, porém por intermédio do corpo; e é por este motivo que não se pode attribuir ~~uma~~ somente a alma ou ao corpo, as sensações que experimentamos, mas sim ao homem que resulta da união substancial da alma com o corpo.

Em segundo lugar, affirmamos que o corpo com todos os seus órgãos activos e passivos, entram em actividade, por causa da presença da alma, que qual força viva o anima, informa e vitalisa; e que, conquanto aspheringos que a dam, sejam uma convergência imediata da, modificações produzidas por um agente <sup>16</sup> intinseco, todavia não nos é licito attribuir as somente as propriedades inherentes a estes órgãos, mas sim, a influencia mediata e impersonal da alma, a qual é tão necessaria que se prescindir d'ella, os órgãos deixarão de funcionar e todo o